

DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR COM CLARICE LISPECTOR SOBRE “O GRANDE PASSEIO”

DIALOGUE INTERDISCIPLINAIRE AVEC CLARICE LISPECTOR BASÉ
SUR “ O GRANDE PASSEIO”

Sheila Marta Carregosa Rocha¹

Resumo:

Este artigo dialoga com o lúdico, através do conto “O Grande Passeio” de autoria da Clarice Lispector, editado em 1971, com foco na pessoa idosa. Objetiva analisar o tratamento dispensado ao idoso pela família, pela sociedade e pelo estado, a partir de um diálogo estabelecido entre a narrativa de Clarice, os direitos dos idosos e a sociologia do envelhecimento. As reflexões sobre o não pertencimento serão retratadas na descrição do ambiente intimista de Clarice, e como contraponto, o pertencimento será revisitado na literatura sobre a família na sociedade contemporânea. O idoso continua sendo visto e percebido como um ônus para as instituições sociais? O método explorado foi o indutivo, a partir de uma interpretação do conto com o contexto atual, numa revisão legislativa e revisão de literatura de natureza interdisciplinar. A técnica aplicada foi revisão bibliográfica para a construção da análise. Pretende-se olhar mais detidamente a questão do envelhecimento no Brasil, que já ocupa 12,1% de sua população, com tendência ao crescimento e a projeção de, em 2025, seja o sexto país com maior população idosa no mundo. Essa temática tem ocupado o ambiente de discussão acadêmica e com uma carência significativa na área jurídica.

Palavras-Chave: Literatura. Direito. Idoso.

Resumé :

Cet article dialogue avec le ludique, à travers le conte O Grande Passeio ("La Grande promenade" en portugais) ouvrage de Clarice Lispector, édité en 1971, visé aux personnes âgées. Ça fait analyse au traitement négligé aux personnes âgées par la famille, par la société et par l'État, à partir d'un dialogue établi entre le récit de l'auteur, le droit des personnes âgées et la sociologie de l'enviellissement. Les réflexions sur l'inappartenance sont retraitées au

¹ Autora. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea (UCSAL); Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea (UCSAL,2012) Especialista em Direito Civil (Fundação Faculdade de Direito – UFBA,2006); Especialista em Psicopedagogia(UFRJ,2000); Especialista em Metodologia do Ensino Superior(FBB,2002); Bacharela em Direito(FIB,2005) e Licenciada em Letras Vernáculas (UCSAL,1994). E-mail:sheilamarta@ig.com.br

portrait intimiste de Clarice Lispector et en revanche, l'appartenance est revu dans la littérature sur la famille dans la société contemporaine. Les personnes âgées sont-elles vues et acceptées comme un onus pour les institutions sociales ? La méthode exploré s'introduit à partir de l'interprétation du conte avec un contexte assidu, dont l'étude est législative d'origine littéraire, interdisciplinaire. Dans la technique appliquée, il s'agit de la révision bibliographique afin de fonder l'analyse. Cela observe strictement à l'égard du vieillissement au Brésil, ce qui représente 12,1% de sa population, d'une tendance à s'accroître et s'estimer qu'en 2025, le pays soit le sixième à la plus grande population âgée du monde. Cette thématique avait pris de la notoriété dans le plan académique ayant une carence considérable dans le plan juridique.

MOTS-CLÉS: Littérature. Droit. Âgé.

INTRODUÇÃO

“Quem estaria interessado na sua ‘desimportância’ social?!” (BRITO DA MOTTA, 2012, p.84) Estar-se a falar sobre as mulheres idosas, o foco do conto “O Grande Passeio” de Clarice Lispector.

O conto constitui uma das modalidades de narrativa ou um dos gêneros literários explorados desde a escola romântica brasileira. Projetou-se com maior ênfase a partir da escola Realista. Um neorealismo explorado pela escola Moderna inspira notáveis autores a utilizar essa tendência.

O viés do conto é único. Uma narrativa simples, sem muitos pormenores ou detalhes que tornem o texto prolixo, logo uma profunda objetividade no recorte temático. Com essas características o foco deste artigo se aproxima do conto “O GRANDE PASSEIO” de autoria da Clarice Lispector.

Este artigo se propõe a estabelecer um diálogo entre o conto de Clarice Lispector e a literatura jurídica num exercício de hermenêutica jurídico-literária.

Bem verdade que a sua escrita data de 1971, acolhido no livro “Felicidade Clandestina”, composto de 25 contos, um deles intitulado “O Grande Passeio”.

Certamente a autora não tinha maiores pretensões, mas chama a atenção do leitor para a pessoa idosa. Nas entrelinhas do envelhecimento, ela efetua um recorte de gênero, escolhendo a mulher idosa como protagonista dessa história.

O direito do idoso ao envelhecimento não era pensado. Na Europa, Simone Beauvoir, feminista, publica em 1970, o livro “A Velhice”, uma narrativa densa que chama a atenção para a pessoa em uma de suas etapas de vida.

Em 1973, René Lenoir cria a nomenclatura, a terceira idade, uma forma eufêmica e sociológica para se reportar ao idoso como mais uma construção social de emblemático significado.

Esses movimentos europeus irão influenciar pesquisadores brasileiros das áreas da Sociologia, da Psicologia, da Gerontologia Social e da Saúde a revisitarem a temática e a construir e narrarem a realidade do povo brasileiro, ainda que embrionariamente uma literatura comparada entre Brasil e França, com Pierre Vellas.

Contribuições significativas das Universidades como a USP com Ecléa Bosi, a Federal do Rio de Janeiro, através da Myriam Moares Lins de Barros, a de Campinas, com Anita Liberalesso e Guita Grin Debert, a Federal da Bahia, com Alda Brito da Motta e Estadual do Rio de Janeiro, com Clarice Peixoto. Concomitantemente a temática vai envolvendo vários personagens, inclusive o Instituto de Pesquisa e Estatística Aplicada com Ana Amélia Camarano e Solange Kanso. O Direito se encontra em “berço esplêndido”, apenas a partir de 2003 com a edição do Estatuto do Idoso são lançadas as primeiras linhas interpretativas da lei. O que se constata é que a produção da literatura jurídica é ínfima em comparação com as demais áreas do conhecimento. Toda a revisão de literatura é pós-1971.

A CIÊNCIA JURÍDICA E A ARTE LITERÁRIA

Ciência e Arte. “O mundo contemporâneo pensa que tudo pode ser resolvido pela Ciência” (OKADA, 1997, p.324). O homem supervaloriza os seus inventos científico-tecnológicos, cujas ferramentas são utilizadas em seu favor ou não. A construção de uma lógica dentro da proposta do método científico, desde a demonstração proposta por Descartes até as formas interpretativas da lógica do razoável de Perelman, revela o percurso metodológico utilizado nas abordagens quantitativas e qualitativas, em seu emprego para buscar alternativas de se compreender a realidade. E o fundamento científico é a hipótese testada que reina como verdade absoluta até o homem descobrir a sua falha, então se transforma em outra verdade absoluta, este é o caráter permanente da ciência – a mudança, através do emprego da metodologia e da sequência de sucessivas descobertas.

Na perspectiva de valorização da Arte, Okada(1997) afirma que “A Ciência é uma parte da Arte”. A ciência jurídica está inserida nesse contexto. Não se restringe apenas a

interpretar as normas que estão postas pelos legisladores, mas se enriquece e se engrandece na medida em que os diálogos vão sendo estabelecidos dentro de uma dialética hegeliana - tese, o que está posto, antítese, o fato e síntese, uma nova tese. Assim, a construção do pensamento humano está ligada ao plano material. Enquanto que a arte transcende essa realidade e, numa visão microssistêmica, mergulha na subjetividade, e numa macrossistêmica, no plano energético universal, em que a física quântica objetiva apreender e comprovar através da palavra.

Palavra esta que une a ciência jurídica e a arte literária, pois ambas se expressam através da precisão científica ou do lúdico literário. Essa complexidade da ciência jurídica e da arte literária, para Edgar Morin, precisa atingir o nível da consciência. Crê-se que este seja o ponto de intersecção para que cada uma siga “uma estrada” distinta da outra.

A impressão que a arte literária causa ao leitor, “*ethos*” para os gregos e para Chaim Perelman, num tempo mais moderno, é a aproximação com o cotidiano dos universos do autor, do “*pathos*”, com o do leitor, que se identifica e se sensibiliza ao perceber que no conto “O grande passeio” é aquele de uma trajetória de vida longa, quase que esquecida, que culmina no estágio final da vida, marcada pela velhice, onde o homem perdeu a consciência de si, do nome, da identidade, da família, ou seja, perdeu completamente qualquer referencial de pertencimento aquele contexto chamado – vida.

“O Grande Passeio” é um caminho de “mão única”, sem volta ou possibilidade de retorno. Aqui está posta a complexidade da arte literária, a escolha do tipo de narrativa, dos poucos personagens, das poucas falas que culminam na morte literal da protagonista. O complexo está no contexto, tudo e todos que circundam a personagem principal.

A ciência jurídica constrói a passos lentos uma literatura sobre o idoso, a partir de uma tímida legislação, talvez sem muita importância para uns, mas essencial para 12,1% da população brasileira de idosos, e que será em 2025, segundo o SIS 2012 (IBGE, 2012 ,p.23), o sexto país mais idoso do mundo. Assim a ciência jurídica preocupa-se, ou melhor, ocupa-se com outras temáticas, desde as individuais, passando pelas coletivas e ultrapassando as fronteiras internacionais, num sistema de alta complexidade, contudo relega ao segundo plano o respeito ao ser humano.

As “rasas” discussões estão muito mais voltadas para a aplicação da lei, do que para seguir os vetores principiológicos, e aqui está posta uma crítica ao princípio da legalidade, porque dois corpos com a mesma força quântica não podem co-habitar o mesmo espaço.

Assim, para abordar a temática da “velhice” é de bom gosto recorrer à sensibilidade da Clarice Lispector para corroborar com a languidez do Estatuto do Idoso quando tenta

proteger a pessoa idosa do Estado, da Sociedade, da Família e, no final, de forma ontológica, dele mesmo.

Ainda que prossigamos num caminho que chega a um fim, descobrimos que esse fim é um ponto de partida.

Mokiti Okada é responsável pela idealização do “*Museu of Art*”, atualmente o quarto maior do mundo, pela reunião de obras importantíssimas, mas também pelo caráter inovador de suas instalações, ao explorar não somente a visão, mas também a audição. Este tipo de arte explora o belo que o homem pode construir e deixar como legado para a humanidade, assim é a vida das pessoas retratada pelos personagens que ganham vida através de seus escritores. A arte, além de sua função principal, a de deleitar o homem, também objetiva desenvolver a sensibilidade e a generosidade do outro em relação ao contexto narrado. Enquanto que, o “*Museu of Art*” reúne a história daquelas peças em exposição, escultura, pintura, objetos de guerra e de cobiça humana, “O Grande Passeio” revela a síntese humana no seu estágio final – da velhice, de total desprendimento de sua identidade consigo e com o outro.

A denúncia do abandono do idoso pela família, pela sociedade e pelo estado é real, é fato, que transcende as paredes do livro “Felicidade Clandestina”. Enquanto isso, o Estatuto do Idoso prevê a proteção integral ao idoso por essas instituições. Aqui comporta outra reflexão, não se sabe o quê é mais literatura, num conceito lúdico, se o conto de Clarice Lispector ou se a referida legislação.

O fato é que existem mais de 500.000 ações tramitando na justiça federal para garantir ao idoso à desaposentação e não devolver aos cofres públicos (INSS) a “miserável” aposentadoria, e milhares de outras ações que envolvem os idosos no Brasil, para provar que não contratou o empréstimo consignado, para ter direito à atendimento hospitalar, para contratar plano de saúde, dentre tantas outros tipos de ações, que se aproxima mais do lúdico, porquanto difícil de se compreender e apreender a concepção dessa realidade, do que se deparar com a discriminação e com o desrespeito com que o idoso é tratado. Logo, é uma tarefa complexa tanto intrínseca quanto extrinsecamente a de compreender o tratamento dispensado a pessoa idosa por essas instituições que, em tese, deveriam protegê-la. Isto seria uma manifestação literal do brocardo latino de que “O Direito não socorrem aos que dormem.”?

DIÁLOGO ENTRE O OLHAR JURÍDICO E O CONTO “O GRANDE PASSEIO”

Da Escola literária Moderna, Clarice Lispector, intimista e apreciadora não só da narrativa mais também da descrição, arrisca o início do conto com “Era uma ...”, lembrando o marco inicial das histórias clássicas que exploravam o “era uma vez...”, para não demarcar tempo e tender para o impessoal. Na realidade não era, e sim é uma realidade o tratamento discriminatório dispensado aos idosos no Brasil. Para NERI (2007, p.34), os sentimentos sobre a velhice ‘oscilam entre a aceitação e a rejeição, a valorização e a negação, o respeito e a desvalorização’, assim a rejeição, a negação e a desvalorização estão retratados no conto “O Grande Passeio”.

A protagonista é uma pessoa idosa, ainda que seja retratada na metáfora da “velhinha”, para continuar a impessoalidade do texto, mas também serve para ‘mascarar uma rejeição à velhice’, traduzindo-se numa atitude preconceituosa (NERI, 2007, p. 41). Com características próprias da personagem “velha sequinha que, doce e obstinada”, adjetivos específicos para aquele estereótipo, a docilidade, característica das mulheres idosas e obstinação já não seria a personagem e sim da personagem longeva. Toda a pessoa idosa tem direito ao envelhecimento, segundo a lei 10.741/03, e quer viver. Aliás, todos querem viver... A “frieza” da legislação adota o critério biológico, também adotado pela Organização Mundial da Saúde(OMS) para os países em desenvolvimento, aquela pessoa que conte com sessenta anos ou mais. Este conceito comporta uma complexa discussão entre as diversas áreas do conhecimento, contudo não constitui o recorte deste artigo que centraliza na questão da rejeição social da velhice, como sendo uma espécie de discriminação, fato repudiado pela legislação, instaurando-se um real conflito entre a norma e o comportamento social.

Com um olhar observador, Clarice diz que a “velhinha não parecia compreender que estava só no mundo”, ou seja, sem família, sem parentes, sem pertencimento. Sem dúvidas uma auto-reflexão, questionando a própria existência ou condição humana (ARENDDT, 2010).

O tempo da pessoa idosa não é o mesmo tempo das outras construções sociais. Vale-se da memória, que, muitas vezes, vive nas e das recordações do passado, o tempo preferido dos idosos. Lembrar não é somente um exercício para a memória, mas é reviver o passado, habitá-lo, permanecer, nem que seja por alguns instantes. Ecléa Bosi, em Memória e Sociedade, já retratava esse retorno da pessoa idosa ao tempo pretérito, de preferência ao “mais-que-perfeito”. É um verdadeiro registro de uma vida em família e em sociedade, mas que não retorna mais aquela realidade, apenas fica nas lembranças, até quando elas também passem a fazer parte dessas mesmas lembranças...

O sentimento da “velhinha” era expresso nos olhos, que lacrimejavam sempre, denotando as perdas e o sofrimento por elas. Aqui também está retratado “O Grande Passeio”

pela memória em direção à morte (ANDRADE, p.56), desde Mocinha até a Velhinha, com lapsos curtos de memória, até para recortar o tempo pretérito e marcar o tempo presente. Esse saudosismo melancólico da personagem retrata o abandono em que vivem muitos idosos brasileiros, esquecidos pelas famílias, nas instituições de longa permanência, e também maltratados pela sociedade, que os discrimina nos pequenos atos de convivência social.

Clarice explorava as descrições de ambiente para revelar pontos importantes da vida da personagem construída, a exemplo das “mãos repousavam sobre o vestido preto e opaco, velho documento de sua vida”. A autora diz que a velhinha tinha muito tempo de viúva, ou seja, ela tinha uma família, mas hoje não mais a tem. Brevemente a autora deixa explícito o recorte da categoria família, que, “*an passant*” demonstra o recorte na morte dos familiares, única lembrança do contexto familiar. Faz uma analogia de comportamentos que aproximam a idade idosa da infância, como “no tecido já endurecido encontravam-se pequenas crostas de pão coladas pela baba que lhe ressurgia agora em lembrança do berço.” E para retornar ao presente mais próximo do presente contado, ela expressa “Lá estava uma nódoa amarelada, de um ovo que comera há duas semanas.” Bem como “as marcas dos lugares onde dormia”, isto significa que a velhinha não tinha moradia própria. O fato de apenas dormir também significa que a velhinha não tem vínculo de pertencimento nem ao local nem a família. Corroborado com a seguinte fala: “Achava sempre onde dormir, casa de um, casa de outro”. Os idosos são 12,1% da população brasileira, que convivem em família, sozinhos ou nas Instituições de Longa Permanência, que são os lugares de moradia da pessoa idosa. Quando Clarice escreveu casa de um, casa de outro, despreendeu-se do convívio familiar e social para simplesmente retornar ao eu, bem intimista, como lhe é peculiar. Ainda que o Estatuto do Idoso preveja a “família substituta”, instituto que é mais peculiar à realidade da criança, do que da realidade do idoso, não se tem cultura no Brasil de outra família, que não seja a sua consanguínea cuidar do idoso.

Primeiro indício da personalidade da idosa é em relação ao nome “Quando lhe perguntavam o nome, dizia com a voz purificada pela fraqueza e por longuíssimos anos de boa educação: - Mocinha.” Esse contraste entre a verdade real e a verdade ficcional. A nomeação é um instituto interessante de identificação do eu-subjetivo com o self, “que pode ser definido como um sistema multifacetado de estruturas que regulam e medeiam o corpo orientado aos mundos externo e interno” (NERI,2011, p.29) do eu-social estreitando as relações sociais com trabalho, amizade, igreja, vizinhança, etc. E também com a origem familiar através do sobrenome, o quê foi completamente ocultado no conto. Essa é outra característica demonstrada no conto.

Clarice trabalha com o contraste entre o velho e o novo, porque o nome não identifica o tempo de vida, o nome identifica a pessoa, que poderia ter qualquer nome feminino. Mas faz um recorte de gênero, ainda que os dados da pesquisa quantitativa do IBGE e IPEA revelem que as idosas são em maior número que os idosos, e as pesquisas na área social, também revelem que as idosas da atualidade, nem todas estavam inseridas no mercado de trabalho, portanto sujeitas ao stress diário do labor, e, por isso, mantêm uma longevidade garantida.

Ainda numa linha intimista, característica da terceira geração de autores modernistas, Clarice revela que a velhinha fala pouco, por conta da fraqueza, mas o falar pouco além da saúde frágil e da idade mais avançada, também constitui uma das características das pessoas mais vividas, com mais sabedoria. Essa atitude da velhinha despertou nas outras pessoas um “certo” descrédito, mas nela, uma satisfação, porque os outros se interessavam por ela. Até afirmar que era simplesmente “Margarida”, sem sobrenome, sem família, apenas o nome também de uma flor comum, encontrada no campo. O ser velho é ser comum, porque é velho. A flor aqui não tem o caráter da efemeridade, mas sim da longevidade.

Outro traço característico do fenótipo da velhinha era o tamanho do corpo pequeno e escuro, contrastando com outra época de sua vida, em que era alta e clara. O primeiro traço do envelhecimento diário é o corpo. A transformação do corpo também significa a mudança de idade.

Toda pessoa idosa tem direito à família, assim em outra época, Margarida “tivera pai, mãe, marido, dois filhos”, contudo a família foi desaparecendo, cada um se deparou com a morte em determinada época. Para demonstrar que Margarida não tinha família, disse “Só ela restara com os olhos sujos e expectantes quase cobertos por um ténue veludo branco”, mas também marcada pela cegueira, de saúde frágil e sozinha. Margarida era única sobrevivente da família, assim como os demais idosos que vivem sozinhos no Brasil.

Sem aposentadoria, pensão ou benefício de prestação continuada, a idosa da narrativa de Clarice não tinha qualquer recurso prestado nem pela família, nem pelo estado, mas era socorrida pela sociedade, de casa em casa, quando lhe davam o que comer e onde dormir, numa cama dura e estreita no quarto dos fundos de uma casa grande. Sintetizando a qualidade da caridade que a sociedade brasileira tem com os idosos, tratados como pessoas secundárias, com dignidade comprometida e no lugar das pessoas com pouca ou nenhuma serventia, porque tradicionalmente o quarto “dos fundos” sempre foi destinado às coisas velhas ou aos empregados que viviam sem condições dignas de vida.

A família substituta prevista no Estatuto do Idoso pode ser percebida no conto, mas o comportamento dessa família seria de cuidar e proteger a idosa e não de esquecê-la e maltratá-la. Na “contramão” da lei que prevê até mesmo um desconto no imposto de renda para a família substituta que abrigar o idoso.

O comportamento da protagonista era “levantar de madrugada, arrumar sua cama de manhã e disparar lépida como se a casa estivesse pegando fogo”. A brevidade do tempo é uma característica da narrativa curta e simples, mas de grande significado nas palavras bem colocadas nas orações. A protagonista estava à espera da mudança de lugar e também tinha consciência que poderia acontecer a qualquer momento. Assim é a pessoa idosa sempre disponível para migrar da família para a instituição de longa ou plena permanência. A velhice é um estado de consciência humana de que se aproxima mais do fim do que para uma vida longa, assim, essa consciência incomoda o ser humano que não aceita essa condição e cria algumas estratégias para conter ou disfarçar o envelhecimento.

O direito à liberdade é percebido quando uma das moças da casa perguntou-lhe o que andava fazendo, e a protagonista respondeu com um sorriso gentil, que estava passeando. O ato de passear tanto pode denotar que na velhice a vida é breve, quanto o ato de passar por algum lugar. O passeio marca a trajetória do título e do conto de ficção, que culmina com o último grande passeio que é a morte.

Mocinha, idosa, nasceu no Maranhão, onde sempre vivera. “Viera para o Rio não há muito, com uma senhora muito boa que pretendia interná-la num asilo, mas depois não pudera ser: a senhora viajara para Minas e dera algum dinheiro para Mocinha se arrumar no Rio.” Esse recorte espacial do Maranhão ao Rio de Janeiro também constitui um dos recursos para denotar o recorte temporal entre a juventude e a velhice.

Essa migração de uma pessoa idosa da região nordeste para a região sudeste, e com o objetivo de colocá-la num espaço reservado para os velhos, os antigos asilos, hoje instituições de longa permanência, constitui uma das preocupações do estado brasileiro, que mapeou em todo Brasil, as instituições públicas e privadas, e constatou que existem, segundo (CAMARANO, KANSO, 2010, p.191-2)

“3.548 instituições localizadas pela pesquisa Ipea cobrem apenas 29,9% dos municípios brasileiros. A grande maioria é filantrópica, 65,2%, aí incluindo as religiosas e leigas. As privadas constituem 28,2% do total. Apenas 6,6% das instituições brasileiras são públicas ou mistas.”

Segundo o Estatuto do Idoso, essas instituições precisam ser devidamente identificadas, cada idoso com uma ficha cadastral, inclusive com familiares identificados. Há também uma lei municipal de São Paulo que traz inclusive a distribuição territorial desse espaço, com piso antiderrapante, altura da cama, barras de apoio no banheiro, corredores, etc.

A “família substituta” de “Mocinha” participava de casamentos, festas, noivados, visitas, mas sem inclui-la. Pelo contrário, a velha era motivo de irritação para uma das moças dessa família. Mas a velha para a família não era assunto que lhe ocupasse. Contudo, quando se cogitou a possibilidade de transferi-la para Petrópolis, para a casa da cunhada alemã, houve uma grande adesão. Na época de Hitler, os judeus foram colocados na câmara de gás e lá mortos. Essa cena remete a essa entrega dessa personagem para morrer. E lá se foi a Margarida.

A protagonista tem três nomes – Mocinha, Margarida e Velha. Quando a autora mostra o pertencimento dela algum local, utiliza Mocinha. Já quando a personagem é tratada indignamente, chama-a de velha. Apenas em um momento, quando se pergunta o nome de batismo, Margarida. Essa linguagem de identificação e aproximação do nome com a época, demonstra que ‘ninguém que passa por um rio é o mesmo, nem ele, nem o rio’, Platão, que revela as características próprias de cada época experienciada.

A perspectiva do grande passeio pode ser vista por dois ângulos: pelos três espaços da existência de Margarida em que a história se passa: Maranhão, Rio de Janeiro e Petrópolis. Mas também quando se encaminha para o final da vida, com a morte num pé de árvore, do local onde se extrai a madeira para se construir uma casa. Ela retorna à origem, mostrando a dialética entre morte e vida das pessoas e das coisas, que passaram pelos ciclos da vida de nascimento, transformação e morte.

Antes dessa partida, algumas reações de Mocinha já anunciavam o fim, ‘não dormiu na noite anterior, o corpo endurecido, o coração se desenferrujava seco e descompassado, quase sem respiração, passou a noite falando, às vezes alto’.

Próximo do final da vida, as pessoas relatam que passa em suas mentes um filme de sua vida, “o quê fiz de certo e de errado?”, “o quê faria novamente ou não faria?” No conto esse resgate é familiar, através das lembranças da vida que teve: “o filho atropelado por um bonde no Maranhão”, e também lembrara não somente da pessoa como também dos traços particulares de cada personagem, como os seus cabelos e roupas. Também lembrou de “Maria Rosa, sua filha, com quem gritara quando quebrara uma xícara, mas se arrependeu quando morrera no parto”, é uma espécie de testemunho final, do arrependimento. “Do marido,

através das mangas de camisa”, roupa que simbolizava tanto o trabalho, como o sustento da família, quanto às festas que frequentava.

Até mesmo para o grande passeio a vaidade feminina é colocada através do ato de pentear os cabelos. A feminilidade é retratada até o fim da vida, em uns momentos com mais desprendimento e, em outros, com menos preocupação com a vaidade.

A autora já vai ensaiando o final, a exemplo da arrancada que o rapaz empreendeu com o carro, “o coração da velhinha ficou dilacerado”, diz Clarice. E continua, “Já não conversou na viagem, mas os olhos lacrimejavam, como de costume. A viagem foi bonita”. A trajetória do local – ‘um cemitério, um armazém, árvore, duas mulheres, um soldado, gato - tudo engolido pela velocidade.’ ‘A boca da velha ardia, os pés e as mãos distanciavam-se gelados do resto do corpo.’

A indelicadeza com que tratavam a velha era algo indigno, deixou-a como se fosse um ‘pacote’ na casa do irmão de Petrópolis, simplesmente ela apareceu sem apresentações à casa de uma cunhada alemã. Pelo contrário, disse que podia ‘vigiar o garoto’, ou seja, não estaria na casa sem prestar um trabalho em troca de cama e comida. A cidade de Petrópolis significa “cidade de Pedro”, uma homenagem ao seu fundador D. Pedro II, onde também faleceu em 1923, o eminente jurista Rui Barbosa. Conta a história que D. Pedro II partiu do Rio de Janeiro em direção a Minas Gerais e tomou o caminho do ouro, hoje Petrópolis é um dos esforços da imigração europeia no Segundo Reinado.

A acolhida não foi das melhores, ficou estagnada, olhando mãe e filho tomarem café, sem ao menos lhe oferecer uma xícara. A alemã não acreditou na história que Mocinha lhe contou, mas ficou esperando o marido para decidir o quê fariam com ela. Ou seja, chega ao ápice do abandono total, desprovido de alimentos. Realmente a velhinha foi abandonada numa “câmara de gás nazista”.

Nesse entretempo um ar de religiosidade comparando “o menino louro com o menino Jesus”.

Quando o Arnaldo, o marido da moça alemã chega diz que Mocinha não poderia ficar ali. E mais, disse que daria um dinheiro para voltar para casa de sua mãe no Rio de Janeiro, e falar que ali não era asilo. Mocinha pegou o dinheiro e agradeceu: ‘- Obrigada, Deus lhe ajude.’

Caminhando para o final, as lembranças dos familiares vinham à tona, a passagem pelo homem na rua, fez com que ela lembrasse de como os homens a olhavam, com ‘blusas claras e cabelos compridos’. A descrição do ambiente continua com a sede, o sol que ardia e faiscava em cada seixo branco, a beleza da estrada de Petrópolis.

Até o momento em que ‘Mocinha sentou-se numa pedra que havia junto de uma árvore para poder apreciar os últimos instantes de vida. O céu estava altíssimo, sem nenhuma nuvem. E tinha muito passarinho que voava do abismo para a estrada. A estrada branca de sol se estendia sobre um abismo verde. Então, como estava cansada, a velha encostou a cabeça no tronco da árvore e morreu.’

Assim foi marcada a trajetória do conto “O Grande Passeio” de Clarice Lispector que nos faz refletir sobre o envelhecimento natural do corpo e da mente no aspecto individual e no aspecto coletivo nos questiona como os idosos são tratados pela família e pela sociedade. Ainda que exista um arcabouço legislativo sobre o idoso, ele necessita fazer parte do “*menu*” das discussões acadêmicas, das políticas públicas em todas as esferas administrativas, do processo de conscientização social do próprio envelhecimento e da educação para o envelhecimento marcada pelo esforço conjunto das instituições públicas e privadas para que possam garantir um envelhecimento digno.

“Nossos comportamentos em relação aos idosos e à velhice dependem da interação entre crenças, que podem ser corretas e incorretas, e entre afetos, que podem ser positivos, negativos ou neutros, fracos ou fortes.” (NERI, 2007, p.35) É um traço da cultura brasileira que é revelado através da importância que se atribui às relações interpessoais, no olhar e no cuidado que se tem com a pessoa idosa.

O texto é uma forma de denunciar a violência praticada contra os idosos, Minayo(p.9) em sua pesquisa sobre violência contra os idosos verificou que:

Nas sociedades ocidentais, o desejo social de morte dos idosos se expressa, sobretudo, nos conflitos intergeracionais, nas várias formas de violência física e emocional e nas negligências de cuidados. As manifestações culturais e simbólicas desse desejo de se liberar dos mais velhos se diferenciam no tempo, por classes, por etnias e por gênero. No caso brasileiro, os maus-tratos e abusos são os mais variados. Cometidos em grande maioria pelas famílias, eles vão desde os castigos em cárcere privado, abandono material, apropriação indébita de bens, pertences e objetos, tomada de suas residências, coações, ameaças e mortes.

Essa violência que ocorre no âmbito familiar sofre uma influência das reconfigurações familiares,

“A família exhibe novas configurações, de acordo com o ritmo das mudanças sociais, que interatuam, e a partir de vivências internas, também subjetivas – de gênero e de gerações -, em relação aos ditames (convocações e exclusões) do mercado de trabalho e aos ecos da dimensão política.”(BRITTO DA MOTTA, 2007,p.115)

“Essa violência é uma grave violação dos direitos humanos fundamentais” (BERNIZES & WATANABE, 2010, p.154) Especificamente contra as pessoas idosas que são potencialmente indefesas frente ao poder empreendido por outra pessoa com menos idade e, geralmente, bem próximo ao convívio da pessoa idosa.

CONCLUSÃO

As idades são construções sociais, assim como a protagonista desta história não é somente uma criação da autora Clarice Lispector, como também uma metáfora para retratar o estágio da vida – a velhice, e suas implicações, principalmente nas relações interpessoais.

Uma real ficção da discriminação com os idosos, que é tipificado pelo Estatuto do Idoso como uma conduta criminosa, punida com aplicação de sanção.

Apesar de o conto retratar uma idosa sem pertencimento a um contexto familiar e a um locus, a exemplo da casa, marca o contraponto que é a tentativa de cuidado da pessoa idosa pela sociedade, que ficou constatada a sua inabilidade para esse cuidado.

Ainda que o texto constitucional de 1988 empreenda como um dever dos filhos maiores cuidarem de seus pais na enfermidade e na velhice, previsto em seu art. 229, a execução espontânea é uma característica do brasileiro, mas também marcado por contradições, abandona os idosos em asilos, a própria sorte (alea jacta est)...

Essa aproximação da narrativa do conto com o fato real é um exercício mental da corrente do Direito na Literatura, marcado pelo amparo legal, pelo tratamento dispensado pela doutrina e pela jurisprudência, verdadeiras fontes de pesquisa jurídica.

Contudo, não se pode abandonar que os acontecimentos são reais, como o desrespeito à pessoa idosa, o abandono, os maus-tratos, formas de violência cuja vítima, hipossuficiente e indefesa, muitas vezes.

A pesquisa jurídica não pode “fechar os olhos” em relação a esse reclamo social, não pode ficar indiferente à essa velhice invisível, porque ela movimenta um grande mercado de consumo, de mantenedores de famílias, de experiências riquíssimas em diversos setores laborativos e em verdadeiros educadores, como transmissores de valores.

Ainda que constitua um avanço a legislação do estatuto do idoso, mas comporta várias críticas em relação à variação das idades para quem é idoso, para idoso para percepção do Benefício de Prestação Continuada, para ter direito à gratuidade nos transportes coletivos urbanos. Costuma-se elaborar leis no Brasil, passar pelo trâmite legislativo e aprova-las sem

consultar o destinatário daquela norma, como numa obra de ficção em que todo o contexto é elaborado pelo autor. Assim também a legislação pertinente à pessoa idosa.

A Política Nacional do Idoso, o Estatuto do Idoso, a previsão constitucional dos arts. 229 e 230, e mais todas as instruções normativas editadas pelo Poder Executivo, ainda estão distantes da realidade social. As medidas de proteção e a política de atendimento aplicadas à 3.548 instituições de longa permanência, com previsão de fechamento para aquelas que não seguirem as normas, é, no mínimo, uma utopia autofágica, pela carência dessas instituições no quantitativo para uma demanda crescente em proporções geométricas. Outra criação é do rol de crimes que amplia a tipificação do Código Penal brasileiro, sem uma denúncia, aplicação e fiscalização efetivas, e até mesmo um processo preventivo de conscientização para coibir essas condutas, facilmente praticadas, principalmente pelas famílias, cujos índices das estatísticas policiais demonstram numa reta ascendente.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. O Corpo-Texto Canibal em Clarice Lispector. **Anuário de Literatura**, Local e publicação 1, jul. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5230>>. Acesso em: 08 Set. 2013.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**, 11ª. Ed. Tradução Roberto Raposo. 11ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BERZINS, Marília Viana, WATANABE, Helena Akemi Wada. **A Violência doméstica contra a pessoa idosa**. In.: A Família e o Idoso: Desafios da contemporaneidade. Organizadora Deusivânia Vieira da Silva Falcão. Campinas, SP: Papirus, 2010. (Coleção Vivacidade).

BOSI, E. **Memória e sociedade**. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1983.

BRITTO DA MOTTA, Alda. **Elas Começam a aparecer...** In.: Nova História das Mulheres no Brasil. Organizadoras Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Família e gerações: atuação dos idosos hoje.** In.: Família, gênero e gerações: desafios para as políticas sociais. Orgs. Ângela Borges e Mary Garcia Castro. 1. Ed. São Paulo: Paulinas, 2007 (Coleção Família na Sociedade Contemporânea)

CAMARANO, Ana Amélia, KANSO, Solange. **As instituições de longa permanência para idosos no Brasil.** In.: Cuidados de longa duração para a população idosa : um novo risco social a ser assumido? / Ana Amélia Camarano (Organizadora) – Rio de Janeiro: Ipea, 2010.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). SIS 2012. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv62715.pdf>. Acesso em: 08 Set 2013.

LISPECTOR, Clarice, **O Grande Passeio.** In.: Felicidade clandestina: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. ISBN: 85-325-0817-0

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência contra idosos: O avesso do respeito à experiência e à sabedoria.** Brasília; Secretaria Especial dos Direitos Humanos; 2004.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência.** Tradução Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 11^a. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

NERI, Anita Liberalesso. **Atitudes e Preconceitos em relação à velhice.** In.: Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. (org.). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC, 2007.

_____. **Qualidade de vida na velhice e subjetividade.** In.: Qualidade de vida na velhice: enfoque multidisciplinar. Org. 2 ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

OKADA, Mokiti. **Ciência e Arte.** In.: Alicerce do Paraíso. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 11. ed. 1997.

Organização das Nações Unidas (ONU). <http://www.onu.org.br/populacao-mundial-chegara-a-sete-bilhoes-em-31-de-outubro/> Acesso em 12 de outubro de 2011.

PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação- a Nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.